

# Como se Comporta o Povo de Deus em Sofrimento (Parte 3)

## ARMAI-VOS CONTRA A CARNE (4:1-3)

**¹**Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado, **²**para que, no tempo que vos resta na carne, já não vivais de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus. **³**Porque basta o tempo decorrido para terdes executado a vontade dos gentios, tendo andado em dissoluções, concupiscências, borracheiras, orgias, bebedices e em detestáveis idolatrias.

Em 3:13–18, o apóstolo abordou o sofrimento dos seus leitores. Ele os incitou a contrapor suas provações com o sofrimento de Cristo. O sofrimento do Senhor levou a mente de Pedro à pregação que Jesus fez às pessoas da época de Noé, uma gente que enfrentou o julgamento de Deus assim como os contemporâneos de Pedro estavam enfrentando julgamento. Após as observações parentéticas de 3:19–22, o apóstolo retomou o assunto do sofrimento de Cristo. Pedro queria que seus leitores soubessem que o sofrimento do Senhor tinha algo a lhes ensinar sobre o tumulto em que suas vidas se encontravam.

**Versículo 1.** Em 3:18, Pedro havia dito que Jesus “morreu pelos pecados”. Agora, ele dizia: **tendo Cristo sofrido na carne.** Talvez por “tendo sofrido” ele se referisse a toda a provação de Cristo encarnado. Seu sofrimento poderia incluir Seu amadurecimento, Sua rejeição pelo Se próprio povo e Suas longas horas com as multidões, ensinando e curando os enfermos. Diante do sofrimento dos cristãos, Pedro parece ter apontado para o sofrimento de Cristo, para o exemplo que Ele deu desde o Seu nascimento até a Sua morte. Em todos os aspectos eles deveriam

“seguir os Seus passos” (2:21). Quando sofressem deveriam contemplar o Senhor e encorajar-se com o Seu exemplo. Essa é uma maneira possível de entender as palavras de Pedro, porém existe outra.

A outra possibilidade é que Pedro estivesse chamando a atenção de seus leitores particularmente para a morte redentora de Cristo na cruz. Nesse caso, a referência ao sofrimento de Cristo “na carne” é outra maneira de dizer que Ele “morceu pelos pecados” (3:18). Se for essa a intenção de Pedro, a questão não era o exemplo que Cristo deixou durante Seu ministério. Antes, o apóstolo queria que seus leitores vissem na obra redentora de Cristo a inspiração de que necessitavam para abandonar a antiga vida de pecado. Talvez fosse desnecessário fazer uma clara distinção entre o sofrimento que Jesus enfrentou no curso de Sua vida humana e a provação da cruz. Se tivermos que fazer uma escolha, é provável que Pedro tivesse em mente o sofrimento redentor de Cristo. Na cruz o sofrimento atingiu o clímax, o epítome e a consumação. A expiação vicária de Cristo foi o elemento central desta exposição do apóstolo (2:24; 3:18).

A palavra traduzida por **armai-vos** é a voz média grega do verbo ὅπλιζω (*hoplizo*). Significa literalmente “preparam-se” ou “estejam prontos”, porém ela contém conotações militares. No contexto militar carrega o sentido de “prepare-se para o combate”. Embora esse vocábulo na forma verbal ocorra só aqui no Novo Testamento, a forma nominal ὅπλον (*hoplon*) é usada por Paulo para se referir a armas de guerra espirituais (Romanos 13:12; 2 Coríntios 6:7; 10:4).

Para Pedro, a vida cristã era mais do que uma peleja cortês com o mal; envolvia guerra completa. Embora Paulo tenha usado uma palavra diferente em Efésios 6:11, o sentido é o mesmo: “Revesti-vos

de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo” (veja 1 Tessalonicenses 5:8). Pedro disse que o cristão deve armar a mente (*ἐννοία, ennoia*), o entendimento, com os recursos espirituais que Cristo supriu. As palavras traduzidas por **mesmo pensamento** na RA poderiam ser vertidas por “mesma atitude” ou “mesma intenção”. Em seus sofrimentos, os crentes deveriam se armar com a mesma disposição mental que viram no exemplo de Cristo. O armamento que Jesus ofereceu os ajudaria a suportar a provação que os aguardava.

Para explicar por que o cristão precisava se armar com o mesmo pensamento exemplificado por Cristo, Pedro citou uma expressão que já deu margem a infináveis discussões: **pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado**. Estaria Pedro indicando que ser cristão significa necessariamente sofrer? Teria ele sugerido que os cristãos, pela natureza do caso, já não pecam? Ou o apóstolo estaria dizendo que o sofrimento “na carne” impedia o pecado? A maioria dos cristãos não ousaria alegar que “deixou de pecar”. A perfeição virá na vida por vir, não nesta. João escreveu: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós” (1 João 1:8). Essas considerações tornam improvável que todos os cristãos, ou pelo menos os que já “sofrem na carne”, tenham parado de pecar assim que foram comprados por Cristo. É típico da NVI sacrificar a interpretação literal em prol da clareza. Assim, tenta captar o sentido da passagem com esta tradução: “**pois aquele que sofreu em seu corpo rompeu com o pecado**”.

Wayne A. Grudem destrincha a expressão “deixou o pecado” com a seguinte paráfrase: “Quem sofreu por praticar o bem e continua a obedecer a Deus, apesar do sofrimento envolvido, fez uma franca ruptura com o pecado”<sup>1</sup>. O arrependimento consiste em mais do que um ato que se pratica uma só vez. Significa romper definitivamente com o pecado. O pensamento é semelhante ao de Romanos 6:3–7. Quando sofremos como cristãos, o pecado já não exerce o apelo de antes. Sofrer gera um efeito purificador (1:7) no sentido de que é incompatível com a fé casual. Embora os cristãos não deixem de pecar num sentido absoluto, quando pagam um preço pela fé, o pecado perde sua atração. Quem

sofre por causa do nome de Cristo nunca mais vai querer participar levianamente de transgressões da vontade de Deus. O sofrimento de Cristo, o batismo dos cristãos e a vida santificada ocupavam o pensamento do apóstolo nessa altura da carta.

**Versículo 2.** Viver para Cristo é um compromisso que se assume por toda a vida. Quando a alma que nada sabe de Deus, que sempre seguiu à toa os impulsos carnais, ouve o evangelho e obedece, ela adere a um novo estilo de vida. A vida do cristão se divide em dois períodos distintos: 1) sua vida antes da regeneração batismal 2) a vida após ele nascer de novo (veja Efésios 4:22–24; Tito 3:3–5). Depois de entregar a vida a Cristo, o crente “deixa o pecado”. Ele se dedica, **no tempo que [lhe] resta na carne, a viver... segundo a vontade de Deus**. Não se pode mudar o passado. Por isso não há necessidade de se prender aos seus excessos. Todavia, o cristão olha envergonhado para seu antigo estilo de vida, mesmo tendo-o deixado para trás. Não importa se o tempo que lhe reste na terra seja medido em minutos ou décadas, de qualquer maneira, ele viveu o bastante **na carne**. O pecado degrada e desumaniza a vida.

Pedro demonstrou preocupação com o sofrimento de seus companheiros crentes por causa da fé, mas também mostrou que eles **já não deviam [viver] de acordo com as paixões dos homens**. O sofrimento pode ser uma simples consequência do comportamento do próprio indivíduo. Que isto nunca aconteça com os que conhecem a Jesus de Nazaré. O apóstolo incentivou os cristãos a terem vidas exemplares perante seus vizinhos pagãos. No caso de sofrerem, que fosse enquanto estivessem se dedicando à cordialidade e bondade. Esse assunto já foi abordado na carta. Governos e tribunais podem ser injustos, mas Pedro deu esta incumbência aos crentes: “Tratai todos com honra, amai os irmãos, temei a Deus, honrai o rei” (2:17). Os escravos estavam sujeitos a maus tratos, mas Pedro escreveu: “Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência?” (2:20). Descrentes acusavam injustamente os cristãos de todo tipo de ofensa concebível, ainda assim o apóstolo racionalizou: “Porque, se for da vontade de Deus, é melhor que sofrais por praticardes o que é bom do que praticando o mal” (3:17). Mais adiante, Pedro acrescentaria: “Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino, ou ladrão, ou malfeitor, ou como quem se intromete em negócios de outrem” (4:15).

A NVI traduz o grego σάρξ (sarx) por “maus

<sup>1</sup>Wayne A. Grudem, *The First Epistle of Peter: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentaries, vol. 17. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, p. 167.

desejos humanos". Outra possibilidade é a tradução "natureza pecaminosa". O leitor moderno, porém, tem capacidade de entender a metáfora no mesmo sentido compreendido pelos leitores originais. É evidente que Paulo e Pedro usaram igualmente a palavra *sark* no sentido de desejos carnais, orientados para o que é pecaminoso. Não é preciso ter uma formação teológica para entender "a carne" como desejos voltados para a sensualidade. Pedro queria que seus leitores abandonassem o velho estilo de vida, uma vida orientada para o desejo carnal e focassem o resto de suas vidas na prática da vontade de Deus.

**Versículo 3.** Os adoradores do Deus de Israel, fossem judeus ou cristãos, não tinham grande respeito pela moralidade greco-romana. Eles tinha bons motivos. Ao que tudo indica, grande parte dos leitores de Pedro não tinham formação judaica. Antes de se tornarem cristãos, eles participaram plenamente do estilo de vida greco-romano. Haviam adotado as práticas sexuais e as festas públicas desses gentios. Quando se converteram a Cristo, o velho mundo continuou a confrontá-los. Amigos e familiares esperavam que eles vivessem como sempre viveram. Talvez alguns deles tenham sido tardios em abandonar o velho estilo de vida. Pedro beira o sarcasmo ao dizer: **basta o tempo decorrido para terdes executado a vontade dos gentios.** Chega! Um pai ou mãe pode reclamar com o filho: "Você já foi longe demais", indicando que já passou da hora. É nesse sentido que devemos entender as palavras de Pedro. Ele estava afirmando que era mais do que suficiente. Não havia motivo para algum cristão continuar a realizar "a vontade dos gentios".

Para os judeus, "gentio" era alguém que não era judeu. Quando Jesus enviou os discípulos na "comissão limitada", Ele disse: "Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos" (Mateus 10:5). É claro que Jesus estava dizendo para eles não ensinarem a não judeus. Todavia, a igreja entendeu que ela própria era o verdadeiro Israel. Uma vez que Israel era agora a igreja, os círculos "gentios" passaram a significar não cristãos. Assim, quando Paulo instruiu os tessalonICENSES a não seguirem "o desejo de lascívia, como os gentios" (1 Tessalonicenses 4:5), era provável que seus leitores gregos cristãos entenderam que ele se referia aos gregos que não se revestiram de Cristo. Ainda eram gregos etnicamente depois de se revestirem de Cristo no batismo, mas não eram gentios. Gentios eram os não cristãos. Pedro usou

o termo "gentio" como Paulo na passagem acima. Tudo isso influencia a tradução. Geralmente, um não cristão é um "pagão" e não um gentio. É por isso que a NVI optou por "pagões" em 1 Pedro 4:3.

O apóstolo já havia apresentado uma lista de qualidades que os crentes deveriam abandonar em 1 Pedro 2:1. Em 4:3, ele ofereceu uma lista consideravelmente diferente. Na passagem anterior, foi os pecados dentro da comunidade cristã que estavam em questão. Em 4:3, o estilo de vida pagão é que está sendo analisado. A lista de pecados que Pedro citou como característica da vida pagã é semelhante a outras listas citadas nas epístolas. Em 4:3, Romanos 13:13 e Gálatas 5:19–21, práticas de orgia (bebedice e devassidão sexual) predominavam. Um breve exame de cada uma das palavras será de grande utilidade.

**Dissoluções** (*ἀσέλγεια, aselgeia*) significa o abandono do autodomínio. Designa comportamento que não demonstra preocupação com o que Deus ou o homem definem como conduta apropriada ou aceitável. Quando alguém se entrega a seus desejos sensuais instintivos sem respeitar as consequências, comete pecado. **Concupiscências** (*ἐπιθυμία, epithumia*) em si é uma palavra neutra. Pode se referir a desejos bons ou maus. Somente o contexto justifica a tradução "concupiscências" em 1 Pedro 4:3. Alguns desejos são bons. Em Filipense 1:23, a tradução do mesmo vocábulo é "desejo": "tendo o desejo de partir e estar com Cristo". No uso de Pedro, o significado é desejos ilícitos, especialmente os de natureza sexual. **Borracheiras** (*οινοφλυγία, oinoflugia*) requer uma explicação; é o mesmo que "bebedeiras" (NTLH). Esta é a única ocorrência desta palavra grega para consumo excessivo de álcool no Novo Testamento. No mundo antigo e no moderno, imoralidade sexual, libertinagem e consumo de álcool estão associados.

**Orgias** (*κῶμος, komos*) designa o tipo de festança associada com festividades dedicadas a deuses gregos. A adoração a Dionísio em particular continha essas práticas. O cristão é alertado a escolher suas companhias bem quando uma festa está próxima. **Bebedices** (*πότος, potos*) uma palavra relacionada à anterior, mas sem as conotações religiosas. A palavra é usada somente aqui no Novo Testamento, mas no mundo secular referia-se a banquetes regados a muito vinho. A íntima relação do uso do álcool e da imoralidade sexual é novamente digna de nota. Não é por acidente que Pedro encerrou a

lista de vícios que os crentes precisam evitar com **detestáveis idolatrias**. A idolatria estava arraigada na vida de todos que cercavam os leitores de Pedro. Eles haviam saído da idolatria. A adoração a deuses greco-romanos, longe de restringir o comportamento imoral, gerava muita imoralidade. A idolatria era vergonhosa; era “detestável” porque desonrava o Deus único da criação. Além disso, permitia e incentivava comportamentos que desumanizam. Tudo desde a exposição de crianças, até competições entre gladiadores e orgias sexuais encontrava espaço no mundo dos gregos, sem uma palavra sequer de censura da parte dos deuses.

## A PRESTAÇÃO DE CONTAS DOS PAGÃOS (4:4–6)

**<sup>4</sup>Por isso, difamando-vos, estranham que não corrais com eles ao mesmo excesso de devassidão, <sup>5</sup>os quais hão de prestar contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos; <sup>6</sup>pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus.**

O pensamento de Pedro saiu da vida sem Deus característica da sociedade pagã, uma vida que seus leitores antes adotaram, para a insistência pagã de que os crentes continuassem a participar de idolatria e imoralidade. É irônico que quem tem uma vida infeliz frequentemente se sente desconfortável até que outros afirmem seu estilo de vida participando de suas práticas. Quando os crentes se recusaram a participar das imoralidades pagãs, os descrentes agiram como Caim (1 João 3:12), odiando aqueles cujas vidas corretas incriminavam as suas<sup>2</sup>.

**Versículo 4.** A vida pública nas cidades gregas bem organizadas girava em torno de festas, jogos e cerimônias dedicadas a deuses. Era comum os que

---

<sup>2</sup>O orador retórico da metade do segundo século, Aelius Aristides, destruiu os filósofos cínicos de sua época e depois apontou suas armas em direção a uma religião comparativamente nova, o cristianismo. Disse ele o seguinte sobre os adeptos do cinismo: “O comportamento deles é muito semelhante aos blasfemos da Palestina. Eles, também, [ou seja, os cristãos] manifestam sua impiedade pelos sinais óbvios de não reconhecerem quem está acima deles e se separarem dos gregos e de tudo que é bom”. (Aelius Aristides, *Orations* 46). Aristides, um contemporâneo de Pedro, maltratou muito os cristãos pela mesma razão sugerida pelo apóstolo: “Eles acham estranho que vocês não se lancem com eles na mesma torrente de imoralidade” (1 Pedro 4:4; NVI).

festejavam nessas manifestações públicas praticavam o tipo de coisas que Pedro acabara de condenar – bebedice e sensualidade. O rompimento total (4:1) que os cristãos fizeram com esse estilo de vida impossibilitou que participassem de muitos eventos cívicos. Os descrentes julgavam isso ofensivo. O mero ato de tornar-se cristão provavelmente despertava pouco interesse. Se os cristãos fossem muito discretos em relação ao cristianismo, dificilmente os não crentes achariam ofensiva a decisão de um vizinho ou parente adorar a Jesus como Deus. Todavia, quando essas mesmas pessoas recusaram convites para eventos públicos, quando agiram com reservas, como se as antigas tradições e os antigos deuses nada mais significassem, os pagãos **estranha[ram]**. O fato de haver um novo Deus não os ofendia, porém ficaram ofendidos com a alegação dos cristãos: Há um só Deus. Os velhos deuses nada são. Quando vizinhos e amigos cristãos se recusaram a participar de eventos cívicos, isso foi ofensivo. Mais do que isso, foi um insulto.

O cristianismo exerceu e continua a exercer um impacto contracultural. Os ensinos de Jesus de Nazaré mudaram a imoralidade débil e a injustiça de pessoas sensuais. Pedro não apregoava o serviço a Jesus da boca para fora. Os gentios convertidos não podiam ter Cristo e **concorrer com** vizinhos pagãos **ao mesmo excesso de devassidão** que antes praticavam. A palavra ἀναχύσις (*anachysis*), traduzida por “excesso”, significa literalmente “dilúvio, torrente”. Eles “estranharam” o fato de alguém não “se lançar com eles” (NVI) na mesma torrente de práticas libertinas, características da sociedade pagã. Em Efésios 5:18, Paulo usou a mesma palavra, ali traduzida por “dissolução” (*ἀσωτία, asotia*). Como Pedro, Paulo associou o termo com bebedice.

As palavras de Pedro desafiam os cristãos a viverm de tal maneira que sua conduta denuncie o comportamento que o mundo aceita como normal. Deus não se agrada quando pessoas desvalorizam e destroem a própria vida e a vida de outros com álcool, drogas, imoralidade sexual e violência. O povo de Deus não deve participar dessas atividades. Aos que temem que denunciar o mundo lhes trará inimizades, as palavras de Jesus são dignas de serem recordadas: “Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas” (Lucas 6:26).

Quando a conduta dos crentes denuncia o pecado do mundo, é de se esperar difamação e desprezo da parte dos descrentes. A expressão

**difamando-os** no grego compõe-se de uma só palavra. Literalmente, seria “blasfemando” (de βλασφημέω, *blasphemeo*). A palavra significa difamar o que é sagrado e santo. A blasfêmia ocorre quando se difama o nome de Deus, mas Deus é tão unido com o Seu povo, que difamar o nome dos Seus filhos equivale a difamá-lo. A passagem de Atos 9:4 é reveladora. Saulo de Tarso estivera perseguindo os cristãos, porém, quando Jesus falou com ele na estrada para Damasco, perguntou: “Saulo, Saulo, por que Me persegues?” Pedro não hesitou em dizer que quando não crentes difamam o nome do povo de Deus, estão blasfemando o próprio Deus.

**Versículo 5.** Os cristãos a quem Pedro se dirigia não precisam se preocupar com acusações injustas da parte de não crentes. A retaliação nunca deve ser uma prerrogativa do cristão. “A Mim Me pertence a vingança; Eu é que retribuirei, diz o Senhor” (Romanos 12:19). É ao Senhor Jesus Cristo que eles **hão de prestar contas**. Jesus irá  **julgar** cada indivíduo com justiça e emitir a sentença adequada. Aqueles que resistem a Deus e difamam o Seu povo prestarão contas disso.

Há, por todo o Novo Testamento, um tema recorrente: o julgamento de Deus trará um fim à presente era. Em certo aspecto, o julgamento de Deus já começou. Os que vivem em pecado sofrem as consequências já nesta vida. Contudo, neste mundo a justiça nem sempre prevalece; no dia do Senhor ela irá prevalecer. Para Pedro o julgamento que certamente virá “reforça a prestação de contas do homem e a certeza de que a justiça finalmente triunfará sobre todos os males que fazem parte da vida aqui e agora”<sup>3</sup>.

Os que blasfemam, certamente, “hão de prestar contas”. Quando isso vai acontecer é outro assunto. Pedro esperava que o Senhor voltasse em breve. Jesus é **competente**, isto é, “está pronto” (NVI) para voltar à terra como Juiz (veja 4:7). O apóstolo não tinha uma profecia imprudente de quando exatamente isso sucederia, uma discrição que alguns pregadores modernos deveriam imitar. Era mais importante que os cristãos vivessem à espera do Senhor do que soubessem a hora específica. O Senhor voltará enquanto a vida na terra estiver seguindo seu curso natural. Será como nos dias de Noé, quando as pessoas pré-diluvianas comiam e bebiam, casavam-se e se davam em casamento

---

<sup>3</sup>Leon Morris, *The Biblical Doctrine of Judgment*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960, p. 72.

(Lucas 17:27). Deus julgará **vivos e mortos**. Aquelas que tiverem morrido quando Ele voltar serão ressuscitados e reunidos com corpos espirituais (1 Coríntios 15:44). Os que estiverem vivos quando Ele voltar serão transformados (1 Tessalonicenses 4:17) e reunidos com corpos espirituais. Os que tiverem perseguido e difamado injustamente o povo de Deus “hão de prestar contas”.

**Versículo 6.** Este versículo apresenta dificuldades que já resultaram numa variedade de interpretações. A seguir expomos parte dos comentários existentes. São apenas duas dentre as possibilidades mais prováveis. A primeira dificuldade de interpretação surge do contexto. O apóstolo observou que Cristo estava “competente [“pronto”; NVI] para julgar vivos e mortos” (4:5). É claro que Pedro e seus leitores esperavam que o Senhor voltasse em breve (4:7).

Algumas das mesmas perguntas surgidas na mente dos leitores de Pedro podem ter surgido entre os tessalonicenses (1 Tessalonicenses 4:13–18). Alguns deles já haviam morrido, e o Senhor ainda não havia voltado. Os que morreram antes do Senhor voltar participariam da mesma salvação a ser desfrutada pelos que ainda fossem vivos quando Ele voltasse? Considerando que a ideia de um julgamento para os que já haviam morrido levantou dúvidas, Pedro reafirmou aos seus leitores que o Senhor tanto exigiria uma prestação de contas do mortos que viveram impiedosamente, quanto salvaria os mortos que viveram fielmente. Ele garantiu isso escrevendo: **Pois, para este fim** (o propósito de Jesus julgar os ímpios e ao mesmo tempo salvar os redimidos), **foi o evangelho pregado também a mortos**.

O apóstolo não parecia ter em vista a pregação de alguma pessoa em particular. O contexto indica e contém argumentos em favor de que a pregação que Pedro tinha em vista era a pregação de Jesus. Em 4:5, era Jesus quem iria julgar. Consequentemente, em 4:6 (seguindo este argumento) foi Jesus que pregou o evangelho. O sentido do versículo seria: “Pois, para este fim, foi o evangelho pregado por Jesus também a mortos”. O ponto de discordia é que 4:6 amplia a afirmação de Pedro em 3:19. Ali Pedro disse: “[Ele] foi e pregou aos espíritos em prisão”. Ambas as passagens são citadas como apoio ao ponto de vista de que Jesus fez uma jornada pessoalmente até o mundo dos mortos, após Sua morte na cruz e antes de Sua ressurreição.

Como indicam os comentários sobre 3:19, a cha-

mada doutrina do *Descensus* não apresenta contradições a outras doutrinas claramente estabelecidas em outras partes da Bíblia. Todavia, no mínimo, é questionável se 4:6 indica a ida de Jesus com o fim de fazer algum tipo de pregação aos fieis que viveram antes de Sua encarnação. Vale a pena observar que a palavra traduzida por “pregou” ou “proclamou” em 3:19 é κηρύσσω (*kerusso*), ao passo que em 4:6, a palavra é εὐαγγελίζω (*euangelizo*), cujo significado é “pregar o evangelho”. Não é inconcebível que Jesus tenha ido ao mundo dos mortos para anunciar a vitória, porém é inconcebível que o Senhor tenha ido lá para oferecer a pecadores uma segunda oportunidade de salvação. Normalmente, a pregação do evangelho implica uma oferta de salvação. Em outros versículos desta carta, Pedro deixou claro que a salvação é o resultado da fé e da vida de uma pessoa enquanto viveu neste mundo (1:9, 17).

A mudança de tempo verbal ajuda a entender o versículo. No passado “foi o evangelho pregado também a mortos”. Em outras palavras, estes estão mortos agora, mas não estavam mortos quando o evangelho foi pregado a eles. O Novo Testamento não apresenta nenhum ensino sobre os que viraram as costas para Cristo neste mundo obterem redenção depois de morrerem. O escritor de Hebreus deixou claro que “aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo” (Hebreus 9:27). Mesmo se adotarmos a tradução mais literal da RA, “Pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos”, permanece a implicação de que a pregação foi feita aos que agora estão mortos, não aos que estavam mortos quando o evangelho foi proclamado a eles. Pedro não estava escrevendo uma resposta para as perguntas de seus leitores sobre onde Jesus passou o intervalo entre a crucificação e a ressurreição. Ele estava escrevendo para assegurar-lhes que, quando o Senhor fosse revelado, eles **viveriam no espírito**.

Os leitores de Pedro foram abençoados ao ouvirem a mensagem da cruz. Ele usou a palavra “evangelho” não no sentido restrito da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo, mas no sentido mais amplo da mensagem sobre Cristo que traz salvação. O evangelho é a mensagem de que Deus cumpriu Sua promessa enviando Seu Filho para redimir um povo para Si. A pregação que falava de Jesus era, obviamente, a boa notícia, o evangelho. Poderíamos aprimorar a tradução para “ele foi pregado até aos que estão mortos”. Os “mortos” a quem o apóstolo se referia não eram os mortos

quando Jesus foi pregado a eles, mas eles morreram antes do Senhor voltar como Juiz. Daí a necessidade de uma confirmação e certeza. Os “mortos” que Pedro tinha em vista eram especificamente os cristãos que já haviam morrido. Todo o texto de 4:6 é uma confirmação para os crentes.

Primeira Pedro 4:6 pode estar relacionado com 3:19 em qualquer uma das seguintes formas: 1) Se 3:19 significa que Jesus pregou aos mortos na pessoa de Noé, este versículo complementa a analogia. Nesse caso, devemos entender que todo o ensino e pregação feitos pelos profetas e homens inspirados do Antigo Testamento é, num sentido, Cristo pregando “o evangelho” a eles. Aqueles a quem Jesus “pregou” (3:19) são “os que estão mortos” nesse versículo. Acreditamos que seja esta a interpretação que Pedro pretendia que seus leitores entendessem. 2) Se 3:19 significa que Jesus foi ao mundo dos mortos entre Sua crucificação e ressurreição, o significado de 4:6 é que Jesus anunciou Sua vitória na cruz aos que no passado viveram fielmente. Os que morreram no passado só podem ser salvos mediante a fé em Cristo. Portanto, Ele pregou Sua vitória a eles a fim de crerem e serem salvos. O ensino não é que todos os mortos ouviram o evangelho e foram salvos por ele nem que os desobedientes teriam uma segunda oportunidade. Antes, os fieis que viveram antes de Cristo morrer poderiam ouvir, crer e ser salvos. O mesmo pronunciamento aos mortos que resultou no julgamento dos que foram fieis durante a vida terrena seria um julgamento de morte para os que não creram e desobedeceram durante suas vidas terrenas.

A respeito dos que estão mortos, Pedro disse que Jesus pregou a eles **para que, mesmo julgados na carne segundo os homens** “vivam no espírito”. O que significa ser “julgado na carne segundo os homens”? “Segundo os homens” (*κατά ἀνθρώπους, kata anthropous*) equivale a “de acordo com o costume dos homens” ou “a pedido dos homens”. Pedro assegurou aos cristãos que, embora também experimentassem a morte como todos os seres humanos, a morte não seria o fim para eles. Em virtude do pecado, todas as pessoas morrem, cristãos e não cristãos igualmente. A garantia para os crentes é que, embora, como todos os homens, experimentem a morte, Cristo irá redimi-los no dia da Sua revelação. Os cristãos serem “julgados na carne segundo os homens” significa que eles, como todos os seres humanos, morrem. O pecado faz a mesma reivindicação sobre as vidas físicas de

crentes e não crentes. Para o crente, porém, esse não é o fim da história. Porque Cristo é Juiz, eles podem “viver no espírito” **segundo Deus**.

### A PROXIMIDADE DO FIM (4:7–11)

**7**Ora, o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações. **8**Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados. **9**Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração. **10**Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. **11**Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!

Pedro acabara de incentivar seus leitores a abandonarem os pecados característicos de seu passado. Ele também lhes trouxe à memória que quem os oprimia seria considerado indesculpável perante Aquele que julga vivos e mortos. E, acima de tudo, o apóstolo assegurou-lhes que, mesmo sendo entregues à morte, Jesus lhes daria vida no espírito. Agora, era a hora de lembrá-los da urgência da missão cristã. A hora da revelação de Cristo estava próxima, mas, nesse ínterim, deveriam viver de modo digno do reino de Deus. Suas vidas deveriam ter como características o serviço, o amor mútuo e a glorificação de Deus.

**Versículo 7.** Há uma considerável diferença entre a convicção de que o Senhor reaparecerá num futuro incerto e nebuloso e a convicção de que Sua volta é iminente. Para os primeiros cristãos, a volta do Senhor estava próxima (1 Coríntios 7:29; Filipenses 4:5; Tiago 5:8). **Ora, o fim de todas as coisas está próximo.** Todas as tentativas de espiritualizar essa frase cometem uma injustiça com ele. Esta não é uma referência à proximidade da morte do crente individual. Dizer que “o fim de todas as coisas está próximo” e dizer que “uma pessoa pode morrer a qualquer momento” são afirmações bem diferentes. As pessoas vivem de modo diferente quando creem que “o fim de todas as coisas está próximo”.

Pedro e seus leitores aguardavam a trombeta de Deus soar (1 Tessalonicenses 4:16). Eles criam que a hora do Senhor aparecer como um ladrão à

noite (1 Tessalonicenses 5:2; 2 Pedro 3:10) estava “próxima”. Alguns cristãos de hoje se sentem desconfortáveis com essa ideia porque parece que Pedro estava enganado. Dois mil anos se passaram, e Ele ainda não veio. Esse pensamento desvia-se da ideia principal da passagem. Os cristãos de todos os tempos devem viver na expectativa da volta do Senhor. John Murray expressou isso muito bem ao dizer: “A perspectiva escatológica deve sempre ser uma característica da nossa atitude para com as coisas temporais e temporárias”<sup>4</sup>. Aqueles que aguardam “a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tito 2:13) são inspirados a viver vidas santas. Como os crentes podem viver “aguardando” sem a convicção de que a vinda do Senhor está próxima? Jesus diz: “Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Apocalipse 22:20).

Jesus conversou com Seus discípulos sobre a Sua volta em Mateus 24 e 25. Depois de advertir que era inútil especular a hora exata da Sua volta (Mateus 24:26), Ele apresentou uma série de parábolas. Uma delas foi sobre um servo cujo senhor voltou inesperadamente. Aplicando a volta do senhor da parábola à volta de Cristo, o Senhor advertiu que o fim do mundo pode vir mais rapidamente do que alguns esperam (Mateus 24:45–51). Por outro lado, Ele pode tardar a Sua volta.

A próxima parábola é sobre cinco virgens sábias e cinco néscias. A hora da chegada do noivo parece ser a analogia com a hora da volta de Cristo. Diferente da anterior, esta parábola ensina que o Senhor pode aparecer mais tarde do que se espera (Mateus 25:1–13). Jesus concluiu a última parábola como a anterior: “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” (Mateus 25:13). A tensão entre iminência e demora no julgamento de Deus é mantida com discrição por toda a Bíblia. O dia do Senhor está próximo (Isaías 56:1; Sofonias 1:12; Joel 3:14), embora o julgamento esteja marcado para um futuro incerto à escolha de Deus. Seguindo a diretiva de Jesus, Pedro não apresentou nenhuma especulação sobre quando se daria “o fim de todas as coisas”. Ele só disse que os cristãos devem viver à espera de Sua volta. A doutrina da igreja não é que o Senhor voltará; mas que o Senhor voltará logo. Os cristãos vivem nos últimos dias. De hora em hora, eles esperam ver Jesus. Por isso vivem vi-

---

<sup>4</sup>John Murray, *Principles of Conduct: Aspects of Biblical Ethics*. Londres: Tyndale Press, 1957, p. 72.

das santas de bondade e compaixão.

Devemos notar que quando Pedro mencionou o fim dos tempos, ele não fez referências a um reino de mil anos de Jesus sobre a terra. Não há menção de uma tribulação, um anticristo nem um Armagedom. A revelação do Senhor será o momento em que Ele será “competente para julgar vivos e mortos” (4:5). Será “o fim de todas as coisas”, o fim do universo material, ou pelo menos da vida humana como a conhecemos. O plano de Deus para a redenção da humanidade já está consumado agora que o Cristo entrou na história do homem. Resta somente a Sua segunda vinda em glória. Na Sua revelação, todo joelho se dobrará e toda língua confessará (Filipenses 2:10).

O termo técnico para o estudo de todas as coisas (a volta do Senhor, o julgamento e a eternidade a seguir) é “escatologia”. O estudo das últimas coisas no Novo Testamento não é uma mera especulação interessante sobre o que o futuro nos reserva. Essa especulação em nosso tempo dificilmente vale a pena. Em vez disso, analisar a volta do Senhor e o julgamento que acompanhará esse evento mostrará a urgência de vivermos de modo digno do reino. Como a volta do Senhor “está próxima”, os cristãos querem ser **criteriosos e sóbrios a bem das [suas] orações**. A escatologia do Novo Testamento sempre satisfaz a moralidade. Este é um requisito para se viver piedosamente.

“Criteriosos” (*σωφρονέω, sofroneo*) e “sóbrios” (*νήφω, nefo*) são traduções de dois imperativos gregos de significados semelhantes. Pensar no fim dos tempos faz um cristão ser sensível, lúcido e auto-controlado. Em 1 Pedro 1:13, o apóstolo escreveu: “...cingindo o vosso entendimento”. A seguir, ele usou o verbo derivado dessa mesma palavra “sede sóbrios”. Porque “o fim de todas as coisas está próximo”, era hora de tirar o pecado da vida; era hora de deixar a piedade reinar. Como escreveu Pedro em outra passagem: “Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade” (2 Pedro 3:11).

O rogo por piedade é um prelúdio a oração – “a bem das vossas orações”. As palavras de Pedro são um lembrete<sup>5</sup> de que nossa relação com Deus é uma questão séria. Usar Deus somente como uma válvula de escape ocasional quando calamidades ameaçam é brincar de ser religioso. As palavras

de Pedro são um lembrete de que aproximar-se de Deus em adoração, louvor e oração, no mínimo, requer reflexão e reverênciA. A Bíblia não apresenta nenhuma reflexão sistemática sobre o propósito e a função da oração. Antes, ela nos apresenta pessoas que oravam e as orações que elas ofereciam. Também nos apresenta um Deus que ouve a oração e responde às suplicas do Seu povo. “E será que, antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei” (Isaías 65:24).

Comparecer perante Deus é sério, é hora de temer, hora de olhar para dentro de si. Existem reuniões que alegam ser para a glória de Deus, porém “sério” não é a primeira palavra que vem à mente de seus participantes. No século XXI, a indústria de entretenimento norte-americana invadiu as reuniões da “igreja”. Nas mentes de muitos, a adoração, como um concerto de rock, tinha que ser empolgante e divertida. A adoração de fato é alegre, mas alegre não é o mesmo que divertido. É difícil conciliar a sobriedade e o espírito criterioso de que Pedro falou com bandas de rock, guitarras eletrônicas e palmas ritmadas que às vezes acompanham essas reuniões. De certa forma, a adoração que toca no arrependimento, na reflexão, na recordação e em ações de graça parece enquadrar-se melhor ao que Pedro esperava achar entre o povo de Deus quando disse: “Sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações”.

**Versículo 8.** Existe certa mentalidade sobre a força que às vezes é oportuna. Isso não é tudo o que caracteriza a vida cristã, mas é parte dela. Os crentes muitas vezes se unem em busca de auxílio quando são atacados pelos de fora. É para a comunidade unida, que se ama mutuamente, que Pedro se volta no versículo 8.

Os descrentes estranham que os discípulos de Cristo não se juntem a eles nos “mesmos excessos de devassidão” (4:4). É bom que eles sejam lembrados pelos crentes que os de fora “hão de prestar contas Àquele que é competente para julgar vivos e mortos” (4:5). A justiça prevalecerá no fim. Por um lado, os cristãos querem mostrar bondade e respeito aos seus inimigos, mas por outro lado, eles se consolam com a certeza de que os crentes triunfarão com Cristo, o Senhor. Cristo os vingará quando for revelado. O Senhor banirá os ímpios de Sua presença. A posição do cristão em relação aos que não compartilham da mesma fé é bastante ambígua. Ele deve se afastar do estilo de vida típico dos não cristãos, mas quer que eles saibam que

<sup>5</sup>Veja os comentários sobre 1:13.

também são criação e amados de Deus.

Em relação aos de fora, existe uma ambiguidade de comportamento, mas não para com os que compartilham a mesma fé. Pedro rogou aos crentes: **Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros.** J. N. D. Kelly traduziu assim esse imperativo: “Acima de tudo, porém, tende amor uns pelos outros a toda força”<sup>6</sup>. O amor que os cristãos têm uns pelos outros flui do amor que eles têm em comum por Cristo. Em 1:8, o apóstolo disse: “A quem, não havendo visto, amais”. A doutrina correta não era a necessidade premente dos leitores de Pedro<sup>7</sup>. Eles sabiam quem era Cristo e o que Ele fizera por eles (2:21–25). Sabiam que o Senhor voltaria e sabiam como deveriam viver até esse dia chegar. O reino de Cristo, então, estava acontecendo entre eles. Na proporção em que praticavam o amor uns pelos outros, participavam das bênçãos de Cristo. Um prenúncio do céu acontece quando crentes vivem no corpo com um amor infinito uns pelos outros. Foi o próprio Jesus quem disse: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (João 13:35).

Pedro acrescentou: **porque o amor cobre multidão de pecados.** O significado desta frase não é totalmente claro. Pedro poderia querer dizer que o amor de Deus pela humanidade O fez enviar Cristo como Redentor. No dia do julgamento, através da expiação vicária de Cristo, Deus cobrirá multidão de pecados<sup>8</sup>. Outra possibilidade é que Pedro estivesse retomando sua referência a pecado em 4:1. O cristão, tendo pecado o suficiente, abandonou o pecado. Em 4:8, Pedro poderia estar dizendo que o amor mútuo entre os irmãos em Cristo daria ao cristão a força de que ele necessitava para afastar-se do pecado. O amor cobriria os pecados no sentido de apagar os pecados da vida do convertido. Pode-se abandonar um estilo de vida pecaminoso por causa do amor<sup>9</sup>. Embora essas duas interpretações façam sentido, existe outra melhor. A frase vem imediatamente após o apóstolo ter admoestado os crentes a mostrar seu amor uns pelos ou-

<sup>6</sup>J. N. D. Kelly, *A Commentary on the Epistles of Peter and of Jude*, Black’s New Testament Commentaries. Londres: Adam & Charles Black, 1969, p. 176.

<sup>7</sup>Não se trata de fazer pouco da doutrina correta. Ela era a necessidade dos cristãos gálatas e também dos crentes a quem 2 Pedro foi endereçada.

<sup>8</sup>Kelly defendeu essa opinião. (Kelly, p. 178.)

<sup>9</sup>Este é o entendimento de J. Ramsey. (J. Ramsey Michaels, *1 Peter*, Word Biblical Commentary, vol. 49. Waco, Tex.: Word Books, 1988, p. 247.)

tos na comunidade de Cristo. É melhor entender a expressão “o amor cobre multidão de pecados” como uma descrição de como o amor mútuo deve ser expresso entre os cristãos. É provável que os leitores de Pedro, assim como os cristãos modernos, se encontrassem necessitados de mais amor ao observarem os atos uns dos outros.

Não há como ser cristão sem estar na companhia de outros cristãos. Servir a Cristo é uma experiência inherentemente comunitária. Talvez não haja teste mais indicativo de que Cristo habita em nós do que nossa disposição para mostrar amor incondicional uns pelos outros. Sempre que as pessoas vivem em contato íntimo, inevitavelmente encontram qualidades umas nas outras que as irritam. Como os crentes devem lidar com as qualidades irritantes de seus irmãos na fé? A resposta de Pedro é esta: “O amor cobre multidão de pecados”. De fato, para a igreja viver em paz, harmonia e boa-vontade, o amor que os cristãos têm uns pelos outros deve cobrir “multidão de pecados”.

Raramente ocorre de cristãos estarem juntos e não haver oportunidade para alguém sentir-se ofendido. Não há desculpa para grosserias, comportamento insensível; embora existam os que são rápidos demais para se ofenderem. A igreja de Jesus Cristo não é lugar para quem reprime os sentimentos. Todo cristão, dependendo da ocasião, vai ofender ou ser ofendido. Os cristãos permitem-se dizer uns aos outros palavras precipitadas sem deixar que essas palavras construam barreiras entre eles. Quem exige que outros saciem suas necessidades não está apto para ignorar os pecados de ninguém. O amor dentro da comunidade de Cristo “cobrirá multidão de pecados” porque os cristãos têm um Senhor cujo amor por eles cobriu uma multidão de pecados. As fraquezas dos outros irmãos não diminuem o amor que cristãos maduros têm por eles. Eles mostraram o mesmo perdão e caridade que experimentaram do Senhor para com as faltas de outros.

Como acontece com a maioria das instruções do Senhor para o Seu povo, a frase “o amor cobre multidão de pecados” pode ser mal interpretada. Quando Paulo soube que a igreja em Corinto estava tolerando um homem coabitando num relacionamento adúltero, sem censurá-lo, ele não disse para ignorarem o fato porque o amor cobre multidão de pecados (1 Coríntios 5). Às vezes, o amor exige que os cristãos confrontem um irmão em pecado e insistam no arrependimento. O amor às vezes requer repreensão. Um irmão sábio guarda

a repreensão no coração. A frase de Pedro jamais deve ser usada para dar permissão ao pecado.

**Versículo 9.** No mundo mediterrâneo antigo, a hospitalidade era uma virtude altamente valorizada. Ela aparece repetidamente no Novo Testamento. A respeito dos bem-aventurados, Jesus disse: “[Eu] era forasteiro, e me hospedastes” (Mateus 25:35).

O Senhor repreendeu Simão, o fariseu, por falta de hospitalidade (Lucas 7:44–47). Ele contou uma parábola sobre um homem que procurou ajuda à meia-noite (Lucas 11:5–8). Paulo admoestou os crentes de Roma a praticarem a hospitalidade (Romanos 12:13). O autor de Hebreus acrescentou: “Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos”. A terceira carta de João aborda como mostrar hospitalidade. A todas essas palavras, Pedro acrescentou: **Sede, mutuamente, hospitaleiros.** O “mutuamente” que o apóstolo tinha em mente era outros crentes em particular, porém a hospitalidade deve ser estendida a todos.

O apóstolo provavelmente tinha em vista a cordialidade cristã comum que os crentes deviam demonstrar uns aos outros em seus lares. Ele certamente estava incentivando a interação social entre seus leitores. Todavia, houve ocasiões em que a hospitalidade tinha a ver com algo mais do que questões sociais. Havia professores e profetas que viajavam ensinando e incentivando as igrejas. Demétrio era um desses professores (3 João 12), Paulo e seus cooperadores também. Eles precisavam de apoio e estímulo das igrejas a quem serviam. Havia também falsos profetas (1 João 4:1) e falsos mestres (2 Pedro 2:1). Mostrar hospitalidade a estes era participar de suas obras más (2 João 11).

A hospitalidade era mais imprescindível para as pessoas pobres a quem Pedro escrevia do que para a afluente cultura oriental. Assim como era mais difícil para as viúvas pobres darem duas moedas (Marcos 12:41–44), do que para o rico lançar grandes doações, era mais difícil para os leitores de Pedro mostrarem hospitalidade do que é para quem tem muitos recursos. Todavia, dar com ressentimento é o mesmo que não dar nada. Pedro disse para os cristãos darem **sem murmuração**. Quando os cristãos dão uns aos outros, eles dão a Deus. Deus não quer nossas doações quando elas vêm acompanhadas de reclamações. Conseguir dar liberalmente não é uma graça reservada para os ricos. Até os pobres podem dar com liberalida-

de e liberdade (2 Coríntios 8:1, 2).

**Versículo 10.** Assim como Paulo (Romanos 12:6–8; 1 Coríntios 12:7–11; Efésios 4:11), Pedro encontrou uma oportunidade para lembrar os crentes das várias dádivas ou dons que receberam de Deus. É improvável que Pedro ou Paulo tenham feito uma clara distinção entre dons naturais e os dons sobrenaturais concedidos pelo Espírito. Certamente não há distinção quando se trata da responsabilidade de uma pessoa ao usar seus dons. Quaisquer que sejam as habilidades de uma pessoa, elas são fornecidas por Deus e devem ser usadas para a glória de Deus. Usá-las para a glória de Deus é usá-las, disse Pedro, para **servi[r] uns aos outros**. “Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8).

O apóstolo chamou **o dom** que cada um recebeu de *χάρισμα* (*charisma*). Paulo usou a mesma palavra em 1 Coríntios 12:4 e 9 para designar dons que atribuiu ao Espírito Santo. Os cristãos tinham dons de curar os enfermos, operar vários tipos de milagres e falar em línguas não aprendidas pelos meios normais. Diferente de Paulo, Pedro não mencionou o Espírito Santo. Em Romanos 12:6, Paulo usou a mesma palavra sem nenhuma referência ao Espírito Santo. Alguns dos dons citados em Romanos 12:6–8 parecem ser sobrenaturais, como o dom de profecia, ao passo que outros parecem ser dons ou talentos naturais, como servir e ensinar. Na passagem em questão, o dom parece ser um talento natural e comum, como falar e servir. Com as palavras **cada um conforme** o dom **que recebeu**, o apóstolo sugeriu que os dois dons mencionados representavam a variedade das habilidades que seus leitores possuíam.

Considerando que as habilidades naturais foram concedidas aos cristãos por Deus, Pedro disse que os irmãos deveriam usá-las **como bons despenseiros**. Em Lucas 16:1–9, Jesus contou uma parábola sobre um homem rico que tinha um “administrador” (RA; NVI), “mordomo” (RC), “despenseiro” (ACRF; ARIB). A palavra grega *oikovó μος* (*oikonomos*), traduzida por “administrador”, também aparece em Lucas 16:1. Um administrador era uma pessoa (normalmente um escravo) encarregada da propriedade de um homem rico. O administrado era quem gerenciava tudo, mas o termo também implica prestação de contas. Pedro queria que seus leitores fossem “bons despenseiros”. Ele queria que eles administrassem com responsabili-

dade as coisas confiadas aos seus cuidados. Deus confiara aos cristãos dons naturais para que os usassem livremente. Eles deveriam prestar contas a Deus pela maneira como usaram o que Deus lhes confiou. O apóstolo admoestou seus leitores a usarem seus dons sabiamente.

É interessante que Pedro chamou os talentos ou dons naturais dos cristãos como um todo de **multiforme graça de Deus**. “Graça” é um termo abrangente para toda a variedade de maneiras pelas quais Deus concede Suas boas dádivas à humanidade. Para Paulo, graça era o meio pelo qual a salvação foi efetuada (Efésios 2:8). Pedro disse que a revelação de Jesus Cristo foi a última realização da graça de Deus (1:13). Enquanto o Senhor não volta, a graça de Deus é realizada numa imensidão de bênçãos que Ele usa para favorecer o Seu povo. Quando um cristão anuncia a Palavra de Deus ou serve o seu próximo, ele está experimentando e usando os dons graciosos de Deus de modo responsável. Embora Pedro não tenha destrinchado a analogia da igreja como um corpo em que cada membro é favorecido pelos dons de outros membros do corpo, talvez isto esteja implícito aqui. Os dons são multiformes. Nenhum cristão deve invejar os dons concedidos a outros, nem deve menosprezar os seus próprios dons.

**Versículo 11.** Quando Pedro escreveu **se alguém fala**, estava implícito que havia um ministério especial dentro da família de Deus. A maioria das pessoas têm a capacidade de falar, mas nem todas são competentes para servir a igreja bem falando (veja Tiago 3:1). No versículo anterior, o apóstolo deixou claro que os dons dos cristãos diferem. Quando um cristão tem o dom natural de falar, deve usá-lo. A fala a que Pedro provavelmente se referia era a pregação pública da Palavra de Deus. Talvez ele tivesse em mente a pregação perante a igreja quando ela se reunia. O apóstolo queria que quem se aventurasse a falar em público assumisse a responsabilidade característica de quem **fala de acordo com os oráculos de Deus**.

A palavra traduzida por “oráculos” (*λόγια, logia*) normalmente se refere às coisas ditas por Deus. Em Atos 7:38 e Romanos 3:2, esse vocabulário denota o Antigo Testamento. As palavras que os oradores apresentam perante a igreja não são, evidentemente, iguais às palavras da Bíblia, no que diz respeito a autoridade e poder. Todavia, enquanto ditas por professores e evangelistas cristãos e extraídas da revelação de Deus, essas palavras possuem as

qualidades da própria revelação. Pedro estava incentivando os oradores cristãos a admitirem a seriedade de suas responsabilidades. Quando falassem, deveriam ser cautelosos para que suas palavras edificassem a igreja em concordância com a mensagem apostólica.

As listas paulinas dos variados dons empregados para edificar o corpo são mais detalhadas que as listas petrinhas. Pedro mencionou somente dois grandes itens: falar e servir; destes derivam várias formas específicas pelas quais esses dons podem se manifestar. Falar pode incluir ensino, pregação, encorajamento, oração e até entoação de cânticos pública ou privadamente. Servir é ainda mais abrangente do que falar. O apóstolo escreveu: **se alguém serve, faça-o na força que Deus supre**. Paulo subdividiu o dom de servir em atos como contribuir materialmente e exercer misericórdia (Romanos 12:8), porém servir incluía também grande variedade de ações em que se imita a Cristo. Quando Jesus mostrou a grande cena do julgamento em Mateus 25:31–46, Ele citou os que alimentaram famintos, os que visitaram enfermos, os que vestiram nus. O serviço consiste em ações tão comuns como varrer um chão ou tão espetaculares como morrer como um mártir.

Em tudo que um cristão faz, diz ou serve, sua fonte de inspiração é o gracioso ato de Deus ao dar o Seu Filho. O que um cristão fala deve estar em harmonia com a mensagem de Deus; seus atos de serviço devem ser “na força que Deus supre”. Deus não só ordena, Ele também capacita o Seu povo. Deus dá força. Em outra passagem, Paulo escreveu: “de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4:12b, 13). Os dons que um crente possui não são para sua própria glória. Quando um crente anuncia “os oráculos de Deus” e serve com “a força que Deus supre”, o resultado só pode ser **para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo**. Só há louvor e glória a Deus nos feitos por meio do Filho. “Ninguém vem ao Pai senão por Mim”, disse Jesus (João 14:6; veja Atos 4:12).

Pedro finalizou este trecho da carta com uma doxologia. É incomum, porém não sem precedente, encontrar esse tipo de doxologia no meio de uma carta. Doxologias são breves expressões de louvor a Deus. Frequentemente parecem surgir de uma explosão de energia parcialmente espon-

tânea, criada no afã do momento. Elas permitem uma considerável variação de formato, mantendo, contudo, o foco na glória, no poder e nas virtudes de Deus. São comuns em Salmos, porém se acham por toda a Bíblia. São particularmente apropriadas para o fim de cartas, próximas à assinatura do autor (Romanos 16:27; Filipenses 4:20; 1 Timóteo 6:15, 16; 1 Pedro 5:11; 2 Pedro 3:18; Judas 24 e 25). Esse fluxo de elogios também pode ocorrer ao autor antes de concluir a carta (Romanos 11:36; Efésios 3:21). Não era de se prever uma doxologia no meio da carta de Pedro; todavia, sua posição neste trecho em particular desperta outra pergunta sobre 1 Pedro.

Como já observamos na *Introdução* desta série, alguns comentaristas acreditam que 1 Pedro não surgiu exatamente como uma carta do apóstolo. Atestam estes que, antes de ser uma carta, o documento era um manual de instrução para quem queria ser batizado ou para quem acabara de ser batizado. O argumento deles é que a igreja do segundo século teria adaptado esse manual batismal para o formato de carta. Nessa hipótese, teriam inserido o nome de Pedro nela para que fosse lida em mais lugares e por mais pessoas. Alguns defensores dessa opinião argumentam que 1 Pedro 4:12—5:14 seria uma carta autêntica que foi anexada ao manual batismal, numa ocasião posterior à sua redação. Nesse caso, o documento que denominamos 1 Pedro teria se originado de dois documentos, sendo o primeiro um documento de instrução para candidatos ao batismo muito bem adaptado ao formato de carta (1:3—4:11) e o segundo, uma carta autêntica (4:12—5:14). Este tipo de raciocínio visa derrubar a alegação de que todas as partes do documento foram escritas pelo próprio apóstolo Pedro.

Existem bons motivos para se rejeitar essa teoria (veja a página 4 da edição anterior). Mesmo assim, a presença da doxologia nesta altura da carta suscita perguntas sobre a unidade da carta. Além disso, é claro que Pedro volta a tratar a questão do sofrimento cristão com uma renovada urgência em 4:12. Dificilmente seria necessário postular dois documentos separados para explicar esses aspectos da carta. Uma possibilidade é que Pedro fez uma pausa na escrita do encorajamento para oferecer um louvor em forma de doxologia. Talvez ele tenha voltado à carta algumas horas ou dias depois, retomando o assunto do sofrimento de seus leitores. Esse processo não é, de modo algum, algo fora de cogitação.

Podemos notar a mudança abrupta no tom do

versículo 11 para o 12, sem recorrer à conclusão radical de que 1 Pedro foi antes dois documentos separados. O apóstolo pode ter escrito a doxologia com a intenção de finalizar a carta neste ponto. Pode ter deixado a carta de lado, pretendendo enviá-la quando houvesse um portador disponível. Dias ou semanas depois, veio a receber mais informações sobre a situação de provações de seus leitores. Nesse ínterim, a precária situação dos cristãos de Roma pode ter se agravado. Andrew F. Walls sugeriu que alguns sinais do ódio de Nero pelos cristãos, ou talvez a execução de Paulo, teriam motivado Pedro a crer que a perseguição aos seus leitores também se agravaría. A possibilidade de o apóstolo sentar-se, mais tarde, para acrescentar 4:12—5:14, em resposta às novas informações ou fatos, explicaria a aparente urgência dos versículos subsequentes<sup>10</sup>.

## APLICAÇÃO

### Uma Questão de Perspectiva (4:7–11)

Certo dia, voltava para casa uma professora do ensino fundamental após o trabalho. Levava consigo a filhinha de cinco anos de idade. Um automóvel que trafegava do outro lado da rua, em alta velocidade, ultrapassou a sinalização para parar e atingiu-a de cheio. Ela morreu instantaneamente. A garotinha foi levada para o hospital em estado gravíssimo. O automóvel que não parou na faixa era dirigido por um jovem de dezoito anos. Havia quatro jovens dentro do veículo. E os policiais encontraram nele uma porção de bebidas alcoólicas.

O sangue esquenta quando lemos relatos como esse – tristeza, indignação, confusão, desânimo, raiva. Nossa vontade é que o sistema de justiça puna quem causou a morte estúpida da professora, que deixou uma pequena órfã. Merecem ficar trancados numa cela por um longo tempo.

Poucas horas após este acidente, outra cena aconteceu em outra região da cidade. Uma mãe e um pai ouviram alguém bater à porta. Era a polícia. Souberam que o filho não respeitou a faixa de pedestre. As consequências eram trágicas. Havia álcool envolvido. Uma mulher jovem havia morrido.

Dependendo da perspectiva, o acidente parece diferente. Imagine como estas três pessoas avalia-

<sup>10</sup> Alan M. Stibbs and Andrew F. Walls, *The First Epistle General of Peter*, Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959, p. 57.

ram o ocorrido: 1) o marido esperando a esposa e a filhinha chegarem em casa, 2) os pais que deram a chave do carro ao filho de dezoito anos e 3) eu mesmo, um estranho curioso que leu a notícia no jornal da manhã seguinte, maneando a cabeça incrédulo. O mesmo acidente parece diferente dependendo do envolvimento do observador.

Em 1 Pedro 4:7-11, a mensagem do apóstolo é sobre perspectiva. Os primeiros leitores de Pedro haviam suportado muita tribulação. Aqueles que, antes, eram amigos e vizinhos passaram a perturbar os cristãos assim que estes confessaram Cristo como Senhor. Não conseguiam entender a mudança no estilo de vida deles. Primeiro, ficaram indignados, depois zombaram do novo Deus apresentado por judeus palestinos. Transtornaram a vida dos cristãos. Pedro disse o que todos já sabiam ser a verdade: “Por isso, difamando-vos, estranham que não concorrais com eles ao mesmo excesso de devassidão” (1 Pedro 4:4).

Pedro incentivou seus leitores a analisarem seu sofrimento e rejeição de uma nova perspectiva. Os cristãos estavam vendo os acontecimentos da perspectiva dos de fora. Os cuidados e preocupações do mundo para os cristãos são diferentes do que para outras pessoas. Quem ama o mundo pertence a este século; os cristãos só estão de passagem aqui. Eles sabem o que o resto da humanidade não sabe.

1) *A perspectiva cristã é diferente porque “o fim de todas as coisas está próximo”* (1 Pedro 4:7). O apóstolo não escreveu: “Em algum momento, não se sabe quando, o Senhor vai voltar. Não é logo. Vamos tirar isso da mente e cuidar das nossas vidas”. Existe uma grande diferença entre a crença de que o Senhor vai voltar logo e uma aceitação casual de que Ele voltará. O apóstolo e seus leitores viviam na expectativa da volta. Ela não era um assunto casual a ser esquecido.

O fato de que o fim de todas as coisas está próximo é o ponto de vista comum dos autores do Novo Testamento: “Sede vós também pacientes e fortaleci o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima” (Tiago 5:8); “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” (Mateus 25:13). Quando os cristãos creem que a volta do Senhor está num futuro imediato, vivem de modo diferenciado. Era isso que Pedro estava dizendo. Existe uma diferença entre crer que o Senhor voltará e crer que Ele vai voltar logo.

Nem todas as pessoas creem que o Senhor vai voltar. Algumas creem que o mundo material que

conhecem é tudo o que há. Os materialistas<sup>11</sup> acreditam que matéria e movimento são tudo o que existe no universo. Se forem coerentemente fieis ao que acreditam, descobrirão duas explicações possíveis para sua própria existência. 1) Alguns materialistas são mórbidos. A vida é uma piada cósmica e não tem nenhum significado além das ínfimas conquistas de cada um. 2) Outros materialistas são cínicos. A filosofia deles é “comamos e bebamos, que amanhã morreremos” (1 Coríntios 15:32). Mede-se o sucesso da vida pela quantidade de diversão que se teve.

Para Pedro a vida é séria sem, contudo, ser mórbida; é alegre sem ser frívola. Visto que o Senhor está voltando para julgar este mundo, o apóstolo disse para sermos “sóbrios”. Devemos cuidar com o que falamos e fazemos. As escolhas e as ações humanas têm importância. Por isso, os cristãos precisam orar.

Tanto no judaísmo como no islamismo há três momentos de oração espalhados pelo dia. Nos países islâmicos, ouve-se o grito do querelante chamando os fieis para orar. Vozes saem de alto-falantes instalados no telhado das mesquitas por todas as cidades e vilas. As pessoas param, ajoelham-se e oram. Os cristãos não têm horas marcadas para orar. O ideal cristão é orar sem cessar, a todo o momento (veja 1 Tessalonicenses 5:17). A perspectiva cristã sobre a volta do Senhor ensina os crentes a orar. Porque a vida é coisa séria, porque o fim dos tempos está próximo e porque Jesus reina no céu, os cristãos oram.

2) *Porque os cristãos sabem que o Senhor voltará em breve, essa perspectiva lhes concede a graça de se aceitarem mutuamente em amor.* “Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados” (1 Pedro 4:8). Pedro não estava orientando os cristãos a ignorarem um irmão que está tendo um caso de amor ilícito, ou que é mentiroso ou ladrão. Os cristãos devem prestar contas uns aos outros. As palavras de Pedro não são um convite para pecar. Nada no texto sugere que os cristãos devem tolerar palavreado descuidado e comportamento leviano. Tampouco ninguém tem o direito de esperar que outros cubram seus muitos pecados.

O que Pedro estava comunicando é que a pers-

---

<sup>11</sup>N. da Trad.: O sistema filosófico materialista julga que, no universo, tudo é matéria, não havendo substância imaterial.

pectiva do pecado de pessoas que se amam mutuamente se diferencia da perspectiva de pessoas que só vivem para seus interesses egoístas. Irmãos em Cristo recusam-se a atormentar uns aos outros. Antes, unem-se para erguer o pecador de sua vergonha. Não atacam o pecador; estão ao lado dele. A perspectiva é diferente deste lado da fé.

Quando Pedro disse que “o amor cobre multidão de pecados”, ele se referia à disposição mútua dos cristãos se perdoarem uns aos outros. Os cristãos são ávidos por atribuir motivos corretos ao que seus irmãos fazem. Tomam por bem palavras ditas por um irmão ou irmã, quando essas mesmas palavras ditas por não cristãos os ofenderiam. Assim que uma pessoa confessa que Jesus Cristo é Filho de Deus, que Ele ressuscitou dos mortos e vai voltar – porque temos vínculos em Cristo – eu olho para essa pessoa de uma perspectiva diferente. Serei tardio para julgar os motivos dela. Serei rápido para ver e elogiar as virtudes dela. Nem Paulo nem Pedro jamais se cansaram desse propósito: “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gálatas 6:10); “O amor é paciente, é benigno... não se exaspera [“se irrita”], não se ressentir do mal” (1 Coríntios 13:4, 5).

3) *A perspectiva dos cristãos é diferente porque eles aprendem a se respeitar mutuamente em todas as suas diferenças.* Não somos todos iguais. Deus concede dons diferentes. Pedro escreveu:

Sejam bons administradores dos diferentes dons que receberam de Deus. Que cada um use o seu próprio dom para o bem dos outros! Quem prega pregue a palavra de Deus; quem serve sirva com a força que Deus dá (1 Pedro 4:10, 11a; NTLH).

Todos nós temos humor e disposição de espírito diferenciados. Alguns são quietos por natureza; outros são falantes. Alguns tomam decisões rápidas; outros são calmos e confiáveis. Quando os cristãos têm a mesma perspectiva do seu Senhor, eles avaliam seus companheiros cristãos com uma saudável dose de amor. Sabendo de antemão que seus irmãos

são boas pessoas, vendo o fruto do Espírito nas vidas deles, os discípulos se tratam com misericórdia e cordialidade. Isto não significa fechar os olhos para o pecado. Significa amar apesar das falhas.

O Novo Testamento incentiva sempre os cren tes a serem gratos pelas diferenças existentes entre si e a respeitar outros cujos dons são diferentes dos seus (veja 1 Coríntios 12:12, 13). O amor não exige o impossível de ninguém. Não exige que todos desfrutem da companhia dos mesmos indivíduos. Temos mais em comum com alguns irmãos do que com outros. Os cristãos não devem ser acusados por terem mais afinidade com alguns, mas Cristo nos pede para sermos maiores. Ele nos pede para respeitar todas as pessoas, a ser cordial e bondoso com nossos irmãos, a ser tardio a nos ressentir do mal e a criticar.

Chegamos à última linha da carta. Pedro disse que devemos nos lembrar de que a glória de Deus é mais importante do que a nossa. É possível aguentar a aparente ofensa e não se ofender. Conseguimos suportar isso lembrando que a pessoa que nos disse algo de que não gostamos é um homem bom ou uma mulher boa. Existe bondade na vida de cada pessoa. Os cristãos agem “para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!” (1 Pedro 4:11b).

*Conclusão.* A igreja não tem a ver com você e eu. Ela tem a ver com Deus e Sua glória. Se Jesus pode ignorar os seus pecados e os meus por causa da cruz, nós podemos ignorar os pecados uns dos outros. Existem certas coisas na maioria de nós que podem ser aprimoradas. Tolerar as falhas uns dos outros não significa que ninguém pode nos falar sobre as nossas próprias falhas. Se um irmão se aproxima em amor e respeito e nos fala de uma área de nossa vida em que estamos errando, podemos suportar isso. O fato de o amor cobrir multidão de pecados não é desculpa para ficarmos indignados toda vez que alguém quer nos ajudar a superar uma falha.

Autor: Duane Warden  
© A Verdade para Hoje, 2016  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS